

A universalidade do cristianismo, baseada no pressuposto de ser uma Boa-notícia de salvação para todos, não é uma universalidade quantitativa e corporativa, nem numérica e geográfica⁴⁴. Surgiu na Igreja, nas últimas décadas a consciência de que o cristianismo deve descobrir a sua universalidade teleológica no porvir do Reino⁴⁵. Essa consciência, que teve sua origem nos meados do século XX, no contexto pós-colonial, fez emergir várias questões a partir do grito e do sofrimento de povos

anteriores colonizados e causou as mudanças pós-conciliares. O paradigma da evangelização inculturada tem suas raízes mais finas e mais afastadas nessa consciência⁴⁶.

Extrato da tese de Láurea em Teologia Dogmática com concentração em Missiologia defendida na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção pelo Pe. George Kaniyam Pady SAC, em 1996.

⁴⁴ A percentagem dos cristãos na população mundial diminui a cada dia: cf. PAULO SUESS, *Cálice e Cuia*, p.20; Questionamentos e perspectivas a partir da causa indígena, in: CARLOS BRANDÃO et alii. *Inculturação e Libertação*, p. 173s.

⁴⁵ "Nesta perspectiva, o Evangelho nos fala de uma tríplice universalidade provisória, de uma universalidade temporal, geográfica e existencial. Temporal: Jesus garante a sua *presença* e a dos pobres 'todos os dias' (Mt 28, 20 e Mt 26, 11). Geográfica: a universalidade do *envio* leva até os confins do mundo (Mc 16, 15). Existencial: universalidade e totalidade da *doação*. Jesus amou os seus até o fim (Jo 13,1). *Medellín* assume estes critérios de uma libertação universal como postulado, quando propõe: 'Que se apresente cada vez mais nítido, na América Latina, o rosto de uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal' [footnote 40: Conclusões de Medellín, Juventude 15]." PAULO SUESS, Questionamentos e perspectivas a partir da causa indígena, in: CARLOS BRANDÃO ET ALII, *Inculturação e Libertação*, p. 174.

⁴⁶ Sabe-se que são as raízes mais finas e mais afastadas de uma árvore que melhor a alimentam. "A inculturação permanece como a pedra de toque de que, finalmente, o Evangelho começa a sair do seu longo enfeudamento na cultura européia e ocidental, erigida igualmente em *ídolo implacável e excludente*, para converter-se em fermento, força e fonte de dignidade para todas as culturas ditas cristãs." J. O. BEOZZO, Uma perspectiva para compreender os 500 anos, in: VV. AA., *Vida, clamor e esperança*, p. 29.

A VERDADE PNEUMATOLÓGICA NOS EVANGELHOS E SUAS CONSEQÜÊNCIAS ECLESIOLOGICAS

Pe. Beni dos Santos

Existe uma continuidade entre a revelação do Espírito no Antigo e Novo Testamento mas, ao mesmo tempo existe, no Novo Testamento, novidade e avanço. A continuidade se encontra, por exemplo, no caso da palavra profética. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, o Espírito "fala pelos profetas". Inspira a palavra profética¹ e produz o arrebatamento profético². Existem, no Novo Testamento, certas expressões que possuem sentido profético. Por exemplo, "falar no Espírito Santo" significa profetizar³; "cheio do Espírito Santo" quer dizer ser profeta⁴. Existem, também, avanços na revelação neo-testamentária do Espírito. Só no Novo Testamento se encontra a revelação explícita da Trindade e, por isso mesmo, do Espírito Santo como pessoa. Outra novidade: a revelação do Espírito se dá em Jesus e através dele. Sem o Espírito, não podemos saber quem é Jesus e, sem Jesus, não podemos descobrir

quem é o Espírito e qual a sua missão. Por isso mesmo, como têm demonstrado alguns teólogos, não existe, nos evangelhos, uma cristologia separada da pneumatologia, mas uma cristologia fundamentada na pneumatologia. Em outras palavras, a cristologia dos evangelhos é pneumática. Em certo sentido, a pneumatologia precede a cristologia. É esta verdade fundamental, com conseqüências eclesiológicas significativas, que pretendo considerar neste artigo.

A análise pode ser feita seguindo a ordem cronológica da redação dos escritos, começando neste caso, pelo evangelho de Marcos. Mas, geralmente, os tratados sobre o Espírito Santo preferem, em vez da ordem cronológica da redação, a ordem lógica dos acontecimentos. É nesta linha, que desenvolvo a reflexão.

Vimos, no artigo anterior⁵, que no Antigo Testamento existe uma ligação profunda entre o Espírito e a Palavra. Essa ligação torna-se ainda

1. Cf. Mt 10,20; Mc 13,11

2. Cf. Mc 1,12; Lc 2,22

3. Cf. Mc 12,36

4. Cf. Lc 1,15-17

5. Cf. *Revista de Cultura Teológica*, nº 17, out/dez 1996, pg. 29-39

mais forte e profunda, nos evangelhos, entre o Espírito e o Logos, a Palavra de Deus encarnada. Jesus todo ele é um evento do Espírito Santo. O Espírito está presente na sua origem temporal. Está presente em todo o seu ministério público. Quando morre, ele transmite o Espírito e é ressuscitado pelo poder do Espírito, segundo São Paulo⁶. Sua missão só termina com o envio do Espírito Santo.

A íntima relação entre o Espírito Santo e Jesus já aparece na **encarnação**. Mateus e Lucas apresentam o fato como evento da criação escatológica. A concepção de Jesus se dá pelo "Poder do Altíssimo". Trata-se de uma criação imediata de Deus. O Espírito é o autor da encarnação. É ele que causa a humanidade de Jesus. Essa comunicação do Espírito a Jesus, desde o início de sua existência temporal, é algo totalmente novo e sem precedentes na Sagrada Escritura. Aos profetas o Espírito é comunicado para plasmar uma nova personalidade. É comunicado na concepção de Sansão⁷, de

Samuel⁸ e João Batista⁹ para os santificar e consagrar a Deus desde a concepção. Mas, no caso de Jesus, o Espírito age para criar algo novo: a humanidade do Verbo. O ser, que é concebido no seio de Maria, pertence à criação escatológica. Escreve, a propósito, Lina Boff: "A palavra **pneuma**, no versículo 35, desempenha a função que nos lembra a primeira página da Sagrada Escritura em que a **ruah** fecunda as águas para fazer florescer a criação (Gn 1,2). Essa mesma função está colocada com relação a Jesus, que é essencialmente dinâmica e princípio de vida originário do espírito de Iahweh¹⁰.

Na ordem lógica, o **batismo** de Jesus não é apenas o segundo acontecimento significativo da manifestação do Espírito. É o acontecimento central. É o pentecostes de Cristo. Ele é descrito pelos sinóticos¹¹ e possui importante referência no quarto evangelho¹². É também tema da pregação apostólica¹³. O modo como o Espírito se revela no batismo de Jesus manifesta a profundidade de sua *kénosis*¹⁴.

⁶ Cf. Rm 8,11

⁷ Cf. Jz 13,5

⁸ Cf. 1 Sm 1,11

⁹ Cf. Lc 1,15

¹⁰ *Espírito e missão na obra de Lucas - Atos*, S. Paulo, Paulinas, 23

¹¹ Cf. Mc 1,9-11

¹² Cf. Jo 1,32

¹³ Cf. Atos 1,21; 10,37-41

¹⁴ Este tema é tratado profundamente por Sergej Bulgakov em sua obra *II Paraclito*. Bologna, 2 ed. 1987

Aparentemente, o Espírito parece não agir. O Filho age enquanto se faz batizar. O Pai também age enquanto intervém, declarando Jesus, o seu Filho. O Espírito, porém, parece calado. Não acrescenta nenhum som à voz do Pai. Nenhum gesto ao gesto de Jesus. Simplesmente está presente. Trata-se, porém, de uma presença ativa. Com sua presença silenciosa, ele unge Jesus, consagra-o e o transforma em **Cristo**, revestindo-o de sua messianidade. No acontecimento do batismo, o Espírito não só age através de Jesus mas, antes de tudo, age nele. Nesse momento, Jesus descobre e aceita plenamente, em nível de consciência humana, a sua vocação messiânica. Toma consciência de não ser um messias real, político, dominador, esperado pelo povo, mas o **Messias Servo de Javé**, anunciado por Isaías. Podemos dizer que, na sua consciência humana, a figura do Messias e a do Servo redentor se fundem numa única imagem. As tentações¹⁵ que surgem em sua caminhada messiânica procuram atingir, justamente, essa identidade. Procuram desviá-lo da trajetória do Servo de Javé. É claro que toda a sua caminhada desde o nascimento, realizada sob a ação do Espírito, o inclina para esse momen-

to culminante da unção batismal. E daí por diante, tudo o que se segue, se explica a partir do batismo, inclusive a sua morte na cruz. Num texto muito claro, observa R. Cantalamessa: "A sua decisão de ir fazer-se batizar por João, colocando-se por assim dizer na fila dos pecadores é um **prelúdio** para a cena da morte de Jesus entre dois malfeitores. De resto, toda a vida passada em Nazaré com a sua obediência ao Pai e aos homens¹⁶ havia sido um longo e coerente noviciado. A revelação paterna, no momento do batismo, cai neste terreno preparado, criando uma situação nova, para a qual é necessário um novo *fiat* da parte de Jesus, *fiat* que ele pronunciou resistindo às tentações do deserto¹⁷.

Habilitado como Messias pela unção do Espírito e consciente de sua condição de Filho de Deus, Jesus, após preparar-se para a missão no retiro do deserto, inicia-a na sinagoga de Nazaré¹⁸.

Em todo o seu ministério, ele revela o Espírito por sua conduta, por suas ações e não tanto pela palavra. Ele possui o Espírito de modo especial diferente dos outros profetas. Possui para além de toda medida¹⁹. Na força do Espírito, revela o início de um novo tempo: a presença do

¹⁵ Cf. Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4,1-13

¹⁶ Cf. Lc 7,29

¹⁷ R. Cantalamessa. *O Espírito Santo na vida de Jesus*, S. Paulo, Loyola, 1985, 12-13

¹⁸ Cf. Lc 4,16-22

¹⁹ Cf. Jo 16,14

Reino no mundo, ou seja, o Espírito presente nele mesmo. Sinais dessa presença são o evangelho anunciado aos pobres²⁰, o enfrentamento do poder²¹ e das seduções do Maligno²² e a libertação de suas vítimas. Acusado de expulsar os demônios por Belzebú (Satanás expulsando Satanás), Jesus responde: “Se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o reino de Deus já chegou a vós²³. E, em seguida, se refere à blasfêmia contra o Espírito Santo, que consiste na recusa do dom do Reino, isto é, do dom do Espírito, que age nele e através dele para salvar. Os seus milagres (que vão contra o mal e a morte), a força e a verdade de sua palavra, sua familiaridade imediata com Deus²⁴ são os sinais e a prova que sobre ele “repousa o Espírito” e que ele é o Messias salvador.

Enquanto Jesus vive no meio de seus discípulos, revela o Espírito nele presente, pois o Espírito foi enviado, em primeiro lugar, como dom para o Filho, enquanto Verbo encarnado, para que nele se cumprissem as

profecias messiânicas. Para que o Espírito seja reconhecido e doado como alguém distinto de Jesus, é necessário que Jesus seja glorificado²⁵. Então se poderá reconhecer que o Espírito vem dele. O dom do Espírito marca o ponto final da missão terrestre de Jesus. Por isso, nos sinóticos, Jesus anuncia o dom do Espírito quando começa a preparar os discípulos para a sua partida²⁶. Na promessa registrada pelos sinóticos, o Espírito será concedido como força para os tempos de perseguição²⁷. Mas, no discurso da Ceia, ele é prometido como dom permanente²⁸. Será o elo permanente entre Jesus Cristo e a Igreja. Sua missão é remeter sempre a Jesus. Escreve P. Evdokimov: “Durante a **missão terrestre do Cristo**, a relação dos homens ao Espírito apenas se realizava em Cristo e pelo Cristo. Em compensação, **após o pentecostes**, é a relação ao Cristo que se realiza pelo Espírito e no Espírito Santo”²⁹. Missão do Espírito é fazer que permaneça sempre na Igreja a mesma

verdade que os apóstolos ouviram da boca do Mestre. É fazer com que os gestos e a mensagem de Jesus se tornem presentes na história da salvação. Sua missão não consiste em pronunciar novas palavras, mas tornar sempre novas as palavras de Jesus.

Finalmente, na ordem lógica dos acontecimentos, Jesus **dispõe** do Espírito Santo. Segundo a teologia de São João, ao morrer na cruz, ele “entrega o seu espírito”³⁰, transmite à Igreja. Até a sua morte, o Espírito está circunscrito aos limites de sua individualidade e ao raio histórico de sua ação. Agora, em que é exaltado da terra³¹, ele reúne a humanidade salva³² e sobre ela derrama o Espírito. A propósito, escreve H. Mühlen: “Na morte de Jesus... acontece algo com o Espírito Santo: com essa morte, o Espírito “se torna” o que antes não era no mesmo sentido: **O Pneuma** que permanece “para sempre” com os discípulos (Jo 14,16), o dom concedido à Igreja”³³. Agora o Espírito, que sempre agiu na história da salvação, começa a agir de modo novo como jamais havia agido. Com o dom do Espírito, a comunidade dos discípulos não

fica órfã nem sequer um instante, conforme a promessa de Jesus³⁴. Enviado antes como dom para o Filho, agora, por ocasião da partida do Filho, ele vem diretamente para consumir a sua obra, para conduzir à plena realização a história da salvação. Com o dom do Espírito feito por Jesus na cruz e, depois, em Pentecostes, inicia-se o **tempo da Igreja**. Como o Espírito esteve presente na origem temporal de Jesus, está ele agora presente na origem da Igreja. Como desceu sobre Jesus no momento do seu batismo para dar início à sua missão messiânica, agora também ele é concedido à Igreja a fim de consagrá-la para a missão: “... receberéis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”³⁵.

Em linhas gerais, aqui estão os principais elementos que compõem a verdade pneumatológica nos evangelhos. O quarto evangelho é todo ele pneumatológico, merecendo, por isso, uma consideração especial. Isso será feito no próximo artigo.

²⁰ Cf. Lc 4,18

²¹ Cf. Mt 4,1

²² Cf. Mt 12,28

²³ Cf. Ibid.

²⁴ Cf. Lc 10,21

²⁵ Cf. Jo 7,39; 16,17

²⁶ Cf. Mt 10,20; Jo 4,16 s; 16,13

²⁷ Cf. Mc 13,11

²⁸ Cf. 15,18-21

²⁹ P. Evdokimov. *O Espírito Santo na tradição ortodoxa*. Ed. Ave Maria, S. Paulo, 1996, 88

³⁰ Cf. Jo 19,30

³¹ Cf. Jo 12,23

³² Cf. Jo 12,32

³³ H. Mühlen. *O evento Cristo como ato do Espírito Santo*. *Mysterium Salutis III/8*, Petrópolis, Vozes, 1974

³⁴ Cf. Jo 14,18

³⁵ At 1,8

A título de **conclusão**, podemos dizer que a cristologia dos evangelhos é pneumática, já que o Espírito Santo é o pressuposto do evento Jesus Cristo e está presente em toda a sua atividade desde a concepção no seio de Maria. O fato central da manifestação do Espírito, tanto na vida de Jesus quanto na história da salvação, é o batismo no rio Jordão. O ser da Igreja e a sua missão estão teologicamente ligados à unção batismal de Jesus. É da plenitude do Espírito presente em Jesus que a graça e a santidade são derramadas sobre a Igreja. "A Igreja não é, a não ser em sentido translato, "um prolongamento da humanidade de Cristo", mas, em sentido verdadeiro, um prolongamento do Espírito de Jesus, isto é, de sua graça"³⁶. O próprio nome de cristão é derivado da unção batismal de Jesus. "Por isso nós somos chamados cristãos, escreve Teófilo de Antioquia, porque somos todos unguídos com o óleo de

Deus"³⁷. E São Cirilo de Jerusalém escreve na sua terceira catequese mistagógica: "Pelo crisma, símbolo do Espírito Santo, somos unguídos, à imitação de Cristo, a fim de nos tornarmos semelhantes a nosso divino Chefe, sobre quem, após o batismo, baixou o Espírito Santo... O fruto deste sacramento é tornar-nos propriamente dignos do nome de cristãos"³⁸.

Lucas, no Livro do Atos, narra quatro pentecostes sucessivos na vida da Igreja primitiva³⁹. Mostra, pois, que assim como na vida de Jesus, também na vida da Igreja os pentecostes se sucedem.

Pe. Dr. Benedicto Beni dos Santos é professor titular e vice-diretor dos cursos de pós-graduação na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. End.: Av. Nazaré, 993 - Ipiranga 04263-100 São Paulo - SP

³⁶ R Cantalamessa, *op. cit.*, 16

³⁷ *Ad Aut.* I, 12

³⁸ *Catequese Mistagógica*, Ed. Paulinas, 1959, 23

³⁹ Cf. At 2, 1-12; 4,31; 11,15; 19,1-6

A EXPERIÊNCIA DA FÉ À LUZ DO CONTO DE FADA

Pe. Dr. Leonardo Meulenberg

A POSIÇÃO DO HISTORIADOR

Uma das questões em pauta hoje é, sem dúvida, o valor e a importância do Cristianismo. Não somente em conexão com os desafios modernos, mas também no terreno do passado, trava-se uma luta acirrada. Trata-se da realidade que, em Jesus Cristo, apareceu na história da humanidade. Eis o acontecimento que constitui a *pedra de toque*. O que temos de constatar é como aquele apelo, no decorrer dos séculos, foi cada vez mais distorcido, enfraquecido e abafado ou, por outro lado, como sua força inspiradora foi capaz de empolgar a humanidade pelo fato de manifestar-se sempre de novo. Tais perguntas são relevantes para os fiéis e, com razão, também para o historiador.

É normal projetarmos na realidade as nossas próprias idéias. Um homem vê o que quer ver! Percebe-se isso nas questiúnculas da vida diária. Essa atitude ganha maior influência quando se trata de persuasões íntimas que estão arraigadas no passado. Apresenta-se aqui uma armadilha que deve ser evitada pelo historiador. A tarefa dele consiste em olhar os acontecimentos com imparcialidade completa, descrevendo, objeti-

vamente, a dinâmica da sociedade e, destacando as características da pessoa no contexto de sua época. Os simples fatos podem ser, também, decisivos para o historiador.

O historiador se defronta com a exigência de procurar, por trás das aparências, um sentido fundamental que não pode ser captado nas malhas da indagação metódica. É tarefa sua buscar uma interpretação capaz de revelar as forças que determinaram a vida da humanidade. Como vislumbrar, porém, a dura realidade? Somos capazes de controlar, minuciosamente, os documentos disponíveis, descartar, decididamente, as fontes duvidosas e fundar o nosso discurso exclusivamente em fatos indiscutíveis? Sim. Mas, podemos garantir que os preconceitos foram superados?

Além disso, deparamos com outra dificuldade que se refere ao próprio historiador. Ele sabe como seu discurso, arraigado em valores humanos, inspiram as suas opções. Mais ainda, é só graças a uma tal intuição que ele pode entender os acontecimentos do passado, pois para alcançar uma idéia das complicações que acompanharam a vida da sociedade e da pessoa concreta será preciso que se reconheça na própria